
**A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições
(1930–1932)**

La escritura de los *inlelectuales alagoanos*: fragmentos de la *democracia liberal* y sus
oposiciones (1930-1932)

Hebelyanne Pimentel da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa-Brasil

Resumo

O texto resulta da análise aos traços de democracia liberal existentes em publicações feitas entre março e abril de 1930, na **Revista de Ensino** de Alagoas, fazendo-se contraponto com o **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova** de 1932. Os propósitos dos escritos levam à escolha pelo recorte temporal. Momento peculiar em variadas esferas da sociedade, destacando-se por: implantação dos direitos femininos, reformulação da arte e modernização educacional. Embora exista a especificidade do lugar e do tempo, são feitas associações com a escala ampla e com temporalidades anteriores e posteriores, como forma de demonstração das mudanças e permanências de ideias. Percebe-se que existe uma inconsistência na efetivação da democracia entre docentes e discentes, na Educação Nova, pela manutenção das hierarquias sociais presentes nas entrelinhas da proposta.

Palavras-chave: Revista de Ensino; Educadoras alagoanas; Liberalismo.

Resumen

El texto resulta del análisis de los rasgos de la democracia liberal existentes en publicaciones realizadas entre marzo y abril de 1930, en la **Revista de Ensino** de Alagoas, haciendo contrapunto con el **Manifiesto dos Pioneiros da Educação Nova** de 1932. Los propósitos de los escritos conducen a la elección por el marco de tiempo. Un momento peculiar en varios ámbitos de la sociedad, destacado por: implementación de los derechos de la mujer, reformulación del arte y modernización educativa. Si bien existe la especificidad de lugar y tiempo, se realizan asociaciones con la escala amplia y con temporalidades anteriores y posteriores, como una forma de evidenciar los cambios y la permanencia de las ideas. Se percibe que hay una inconsistencia en la efectividad de la democracia entre profesores y alumnos, en la Educação Nova, debido al mantenimiento de las jerarquías sociales presentes entre las líneas de la propuesta.

Palabras clave: Revista de Ensino; Maestras alagoanas; Liberalismo.

1. Introdução

Recordo o Dom Quixote
Homem estigmatizado pelo excesso de lucidez
Pelo olhar destinado as faces da hipocrisia
“- Seria ele um louco?”
Era o que questionava a narrativa.
Este texto, assim como o de Cervantes,
Convida à reflexão semelhante.
Sobre qual hipocrisia nos deteremos?
(Hebelyanne Pimentel da Silva)

Contraditório foi o olhar dos que defenderam ideias liberais no ocidente. Entre eles, estiveram educadores(as) renomados(as), **Assinantes do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, publicado em 1932: 23 homens e 3 mulheres. Afirmaram defender a democracia, colocando a publicização da educação como elemento facilitador do fenômeno. Saviani (2018, p. 45) vem criticando a perspectiva pela incompatibilidade desta, com a libertação da classe proletária: “[...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição para a libertação”. Embora a bandeira dos escolanovistas tenha sido a publicização da educação e a evolução da qualidade, o autor recorda que desde a fundação da ABE, houve atenção constante a transformação do método, abandonando-se a estrutura de ensino tradicional e adotando-se tudo o que contrariava tal perspectiva, conseqüentemente: “[...] tornou possível, ao mesmo tempo, o aprimoramento do ensino destinado às elites e o rebaixamento do nível de ensino destinado às camadas populares” (SAVIANI, 2018, p. 43). Precarizando, por sua vez, a profissão docente (SILVA, 2021a; SILVA, 2021b).

A escola passou a ser um instrumento favorável a manutenção das desigualdades. Mesmo dizendo-se: *progressista, existencialista*. Sobre os equívocos do primeiro momento de modernização, discorreu o Manifesto dos Educadores (AZEVEDO, 2006a, p. 205), parecendo reformular ideias: “Vendo embora com outros olhos a realidade, múltipla e complexa, – porque ela mudou e profundamente sob vários aspectos, – e continuando a ser homens de nosso tempo, partimos do ponto em que ficamos”. Ainda ressaltavam: “[...] para uma tomada de consciência da realidade atual e uma retomada, franca e decidida, de posição em face dela e em favor, como antes, da educação democrática, da escola democrática e progressista” (Idem). Pareciam influenciados pelas críticas desenvolvidas por variados meios de comunicação, até o período.

Na Revista de Estudos Pedagógicos, Yang Hsin-Pao (1950. p. 7) demonstrava aparente revolta com a elitização da instrução: “Supondo que uma carreira intelectual é privilégio de alguns raros espíritos, considerou-se a instrução como prerrogativa exclusiva de uma casta: a dos que nada têm a fazer”. Para os desvalidos, bastava o ensino elementar, como bem sugerira a educadora alagoana Rosália Sandoval (SILVA, 2021a), já nas primeiras décadas do século XX.

É possível afirmar que o documento publicado nos anos de 1959, manteve, de fato, o desejo de apresentar falhas na efetivação da proposta anterior, denunciando a condição decadente das escolas e do exercício docente (SILVA, 2021b), assim como já faziam, inclusive, professores comuns do período (Idem). Saviani (2018, p. 43), afirmara que, no primeiro manifesto, destacava-se à desconsideração à multiplicidade de perspectivas políticas e sociais defendidas pelos assinantes, dado o interesse comum: “[...] conclamavam o povo a se organizar e reivindicar a criação de escolas para os trabalhadores, perderam a vez, e todos os progressistas em educação tenderam a endossar o credo escolanovista”. Possivelmente pelos problemas existentes entre os próprios assinantes, o segundo documento não contém assinatura de alguns intelectuais, como é o caso de *Noemy M. da Silveira Rudolfer*, apoiadora da ditadura de estado proposta por *Getúlio Vargas* até a década de 1940 (SILVA e MACHADO, 2022a). Diante do peculiar cenário da primeira metade do século XX, e da específica interferência alagoana no movimento de larga escala, manifestado em documentos oficiais, foi formulada a indagação: *Como a concepção de democracia alagoana, se desvela por meio dos escritos publicados por educadores na Revista de Ensino de Alagoas entre os anos de 1930 e 1932, em suas associações com o movimento da Escola Nova propagado desde a fundação da ABE?*

Entre personagens que escreveram sobre a educação, na Revista analisada, estiveram: **Bernardes Junior**, **Moreno Brandão**, **Joaquim Pimenta** e **Mercedes Dantas**. A última, destacada como representação feminina conhecida no cenário nacional, pela atuação no debate feminista, ao lado de nomes como *Bertha Lutz* (AMARAL, 2019). Do mesmo modo que *Noemy Rudolfer*, Mercedes manteve apoio a *Getúlio Vargas*, durante o Estado Novo e, por esse motivo, vem sendo adjetivada fascista, em escritos contemporâneos (Idem). O Correio da Manhã de 1 de março de 1940, mencionava a sua atuação entre educadoras do século passado: “[...] a numerosa comissão, pela palavra de d. Mercedes Dantas, presidente da União dos Educadores, fez entrega ao sr. Getulio Vargas da mensagem em que estão

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) consubstanciados os agradecimentos da classe que representavam” (MANIFESTAÇÃO..., 1 mar. 1940).

Os intelectuais selecionados, ocupavam funções em diferentes espaços quando escreveram para o periódico: Academia de Ciências Commercias de Alagoas; Escola Normal; Faculdade de direito de Recife; Diretoria do instituto profissional Ferreira Viana. Detalhe que favorece a percepção das mentalidades dos intelectuais influentes à época. Ainda em função dessa percepção, diante do caráter documental da pesquisa, as fontes são olhadas como portadores de dizeres, interdizeres e não dizeres (CERTEAU, 2017). Em movimento que vai da universalidade para especificidade, mantém-se em micro análise atentando aos mínimos detalhes dos casos particulares e especificamente localizados, e, por fim, somando, direta ou indiretamente, ao mistério da História global, assim como sugere a micro-história italiana (GINZBURG, 2007; 2006). O impresso, como representativo de uma escrita oficial, tem muito a revelar sobre as práticas culturais e sociais dos diferentes momentos (CHARTIER, 2002). Mais que preservadores de memórias, são, concretamente, restos e rastros do passado. Restos observados metodológica e tecnicamente. A escrita parte de: interrogações, observações e experiências sensoriais com o material.

Pensando na vivência leitora, o texto estrutura-se em três momentos complementares: **Apontamentos da democracia liberal: trilha pelo fio dos interditos**, momento de exploração dos elementos que permitem perceber como a democracia foi sendo entendida entre intelectuais do Brasil e da América, em suas interferências na constituição de uma educação moderna; **Gritos silenciosos de um ofício marginal: palavras docentes**, quando a precarização da docência vem sendo observada por meio da proposta de educação defendida pelos escritores da Revista de Ensino de Alagoas, em suas palavras e intencionalidades; e **Contrapontos e inconsistências da democracia brasileira**, no qual são desveladas as falhas existentes em uma democracia que mantém privilégios de uns humanos, em função da marginalização de outros.

2. Apontamentos da democracia liberal: trilha pelo fio dos interditos

Em texto publicado na Revista de Ensino de Minas Gerais, no ano de 1933, são apontadas características da modernização educacional propostas pelos liberais no grupo de educadores escolanovistas brasileiros: “A professora deve ter entusiasmo pela profissão [...] Deve transparecer em suas palavras, em seus gestos, em suas ações – prova da necessidade de amor à pátria, de bem servi-la, de engrandecê-la. Deve habilitar os alunos ao trabalho [...]”

(NA REVISTA..., 1933/2017, p. 91). Habilitação já sugerida em alguns escritos de mestres e mestras atuantes em Alagoas, como é o caso de Rosália Sandoval (SANDOVAL, 1918; SANDOVAL, 1921). Todos, direta ou indiretamente, ancorados na proposta de John Dewey (1979, p. 75), propagada no Brasil, sobretudo por Anísio Teixeira: “[...] formação, na concepção que estamos a criar, tem significado técnico, importante em alguma coisa a atuar do exterior”.

É preciso reconhecer que a aliança liberal existente em fins do século XIX e início do século XX, apresentou-se como revolucionária, por contrapor o modelo político imperial (SAVIANI, 2018). O **Correio de Brasília**, de 16 de novembro de 1930, ainda relembra os seus propósitos: negar “[...] ao Presidente da Republica o direito na designação de seu sucessor ao cargo politico supremo, no paiz – eis o principio” (COUTINHO, 16 nov. 1930, grifos meus). E ideias: “[...] satisfazer os anseios da nacionalidade – que exigia o império da lei, o afago da liberdade, a satisfação de direitos, o carinho às tradições, o respeito á honra” (Idem). Cecília Meireles (1931, p. 41), já ressaltava: “Brasil melhor só pode ser um Brasil novo, refeito, reconstruído de baixo para cima, porque, em cima, como verificaram os revolucionários, tudo está errado, corroído pela política, e não há jeito de fazer boa-nova com material tão velho e condenado”. Embora a colocação de Meireles abra espaço para múltiplas interpretações, a infância era o que ela acreditava estar embaixo: “O que se tem procurado fazer modernamente é, muito ao contrário, obter uma escola que sirva à criança respeitando-lhe a personalidade” (MEIRELES, 1932//2001, p. 227). E como reconhecido por Saviani (2018), as suas ações como as dos demais escolanovistas, a partir de um dado momento, passaram a subalternizar ainda mais a classe subalterna, oferecendo-lhe uma formação precária: “Ao invés da escola imóvel, obrigando os alunos de diferentes capacidades a se igualarem dentro de um programa para a sistemática nivelção do exame, o que se deseja é a escola que oferece a cada um o máximo desenvolvimento das suas aptidões” (Idem). Entre a classe trabalhadora, a aptidão máxima era a capacitação para subempregos.

As consequências da modernização já eram notadas na década de 1950, inclusive, na geografia global, levando a marginalização do campo em decorrência da ascensão das cidades:

Em virtude do grande desenvolvimento das indústrias e das favoráveis condições de vida nas zonas agro-pastoris, agrava-se, dia a dia, o desajustamento entre a vida rural e a vida urbana. Aumenta, a cada passo, a distância social e econômica que separa o

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) Brasil industrial do Brasil agrícola. Sem as necessárias medidas acauteladoras, poderá se formar, com o decorrer do tempo, um verdadeiro abismo entre essas duas camadas de população brasileira e esse desnível poderá vir a ser mais profundo do que o atualmente existente entre o Brasil meridional e o setentrional (POPULAÇÕES..., 1950, grifos meus).

Em 1930, era comunicada a aliança de distintas regiões do país em defesa ao projeto considerado revolucionário: “[...] arregimentadas as forças políticas de trez estados federados, Minas, Rio Grande e Parahyba, pela voz de seus grandes homens – Antonio Carlos e Arthur Bernardes, Borges Medeiros e Getulio Vargas, João Pessôa e Epitacio Pessôa” (COUTINHO, 16 nov. 1930). Assim, “[...] concretizou-se na Aliança Liberal de que elles se fizeram pegureiros, todo o idealismo politico desta phase republicana do Brasil, toda a beleza desta nossa joven democracia” (Idem). O distanciamento entre cidade e campo passava a ser notada por cidadãos comuns já em meados da década de 1950. A professora palmarina Maria Mariá, foi uma das personagens que proferiu críticas ao fenômeno na imprensa alagoana e nordestina (SILVA, 2021b). O acesso a livros em bibliotecas públicas ainda era escasso, inclusive, nos grandes centros, durante a década supracitada (SILVA, 2020).

Nesse contexto de transformações, as revistas de ensino brasileiras desempenharam função de informar sobre as propostas do campo educacional, em suas múltiplas correntes ideológicas, como demonstra a pesquisa de Eliane Lopes (2017). Na Revista de Ensino, de número 20, publicada em Alagoas entre os meses de março e abril de 1930, sob organização do *Departamento Geral da Instrução Pública* e da *Sociedade Alagoana de Educação*, eram mencionados os principais temas abordados pelos escritores e escritoras:

Aos alagoanos do Recife—A revolta de São Paulo—Repressão aos bandidos—As administrações municipaes—A função do governo—A Paulo Affonso—Em Fernão - Velho—No Lyceu Alagoano—Saudação ao Presidente Washington Luis—Após o attentado—No túmulo do Dr. Eugênio Soares —Resumo dos quatro annos—Palavras ao Congresso Legislativo—Na Academia Alagoana de Letras—No Tribunal Superior—Falando ao "Diário da Manhã"— Na Associação Commercial—O papel dos Partidos—Na terra natal—Revendo antigas affeições—Democrito Gracindo, orador—De volta á Câmara (REVISTA..., 1930)ⁱ.

Pelo valor sugerido à venda, o periódico deveria ser acessado por pessoas das camadas médias e altas da sociedade: “[...] todas as livrarias de Maceió -- 4\$000” (Idem). Nem todos os profissionais da educação, portanto, conseguiam fazer a leitura do periódico. Como lembrado por Cordova e Floriano (2020), durante o século XX, quando equiparados a demais funcionários públicos, educadores recebiam remuneração superior apenas a de carteiros e telégrafos. O que resultava em expressões críticas comuns na imprensa alagoana, sobretudo

durante a década de 1950 (SILVA, 2021b). No Paraná, *José Hoffmann*, por longa data filiado ao partido PTB (criado por Getúlio Vargas em 1945), já escrevia criticamente sobre as péssimas condições salariais e de trabalho enfrentadas por educadores, desde a década de 1930: “Muitos registros apontavam para queixas das condições de trabalho e de remuneração, pleiteando-se equiparações salariais” (CORDOVA; FLORIANO, 2020, p. 9).

A Revista de Ensino alagoana não apontava os problemas enfrentados pelos docentes, parecia ressaltar a importância da educação, e apontava a necessidade de empenho da categoria professoral à formação de pessoas úteis a pátria. Uma nota de fim de página, escrita por Horacio Mann, e colocada após o texto “**As ideias novas da instrução**”, de Bernardes Junior, deixa claro que a escola era entendida como possibilitadora da evolução da economia: “[...] há indivíduos que deixam crescer ignorantes, quando deles poderias tirar 40% a 50% ou mais. Vós vos ocupaes continuamente de machinhas e capitaes; mas a primeira machina é o homem, o primeiro capital é o homem, e vós o esqueceis” (REVISTA, 1930, p. 32). Faz recordável a definição de liberalismo dada por Norberto Bobbio (2000, p. 18): “[...] o Estado liberal se afirma na luta contra o Estado absoluto em defesa do Estado de direitos e contra o Estado máximo em defesa do Estado mínimo”. Nesse projeto social adotado pela América Latina, que percebeu a escola como instrumento colaborativo, a Democracia perdeu a essência. Deixou de ser um sentimento de libertação provocado pela possibilidade de acesso, com igualdade, aos bens produzidos pelo conjunto da humanidade, e passou a constituir-se como conquista de pessoas individuais, ancoradas no reconhecimento das diferentes escolhas: “Com base neste tipo de pedagogia, considera-se que os homens não são essencialmente iguais; os homens são essencialmente diferentes, e nós temos que respeitar as diferenças entre os homens” (SAVIANI, 2018, p. 34). Diferenças, inclusive, de classe.

3. Gritos silenciosos de um ofício marginal: palavras docentes

Confortável parece estar a elite, diante da modernização educacional, com sua constante defesa a manutenção das desigualdades (SILVA, 2021b). Nos espaços mais afastados dos grandes centros, a desigualdade escolar era ainda mais evidente em meados do século XX: “A população urbana se apresenta com índices superiores de educação e técnica de trabalho, com renda média mais elevada e maior consumo, e auferes as vantagens

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) de educação e assistência em larga escala” (POPULAÇÕES..., 1950, p. 3). A categoria docente do interior, marginalizava-se progressivamente: “[...] escolas rurais, nesta Região, foram transformadas em chiqueiros e estribarias, de forma que, com esta leva de professoras recém contratadas, criou-se um dilema territorial no espírito do proprietário local: ou obolar a professora ou os anomais” (SARMENTO, 28 abr. 1963).

Yang Hsin-Pao (1950, p. 9) faz recordável a incompreensão do significado da formação entre as comunidades residentes nos espaços rurais, dada a predisposição aos trabalhos manuais: “A resistência mais obstinada à educação nasceu, na população rural, da idéia corrente de que a educação é totalmente inútil, e mesmo nociva à segurança da comunidade. As pregações sobre educação não têm efeitos positivos na maioria das comunidades rurais”. Pensando nisso, a Escola Moderna buscou oferecer o que cabia ao proletariado, como se percebe até na nota escrita pelo professor Joaquim Ignacio Loureiro (1930, p. 24), e posicionada após o texto “**Cassiano de Albuquerque**”, escrito por Ezechias da Rocha: “Já no tempo do prof. José Prudente, na cidade de Alagôas, havia exercicios que hoje são desconhecidos aqui, — noções de agricultura practica, que elle dava num sitio que sua honrada familia ainda conserva”.

Ao tempo que se defendia a formação para o trabalho em destino à classe subalterna, se aprimorava a instrução intelectual para a elite (SAVIANI, 2018; SILVA, 2021b). Alguns intelectuais eram elogiados por colocarem-se contrários a reforma da linguagem artística: “Era admiravelmente equilibrado. Sabia o segredo da justa medida. Pelo que, tenho entre mim que não tersaria jamais em prol da *reforma que condemna a língua da gente limpa e faz a apologia da geringonça da ralé*” (ROCHA, 1930, p. 14, grifos meus). Saviani (2018, p. 45) define o escolanovismo como incoerente, por dizer-se preocupado com o bem estar dos explorados, enquanto compactua com sua exploração:

Não adianta nada eu ficar repetindo o refrão de que a sociedade é dividida em duas classes fundamentais, burguesia e proletariado, que a burguesia explora o proletariado e que quem é proletário está sendo explorado, se o que está sendo explorado não assimila os instrumentos pelos quais ele possa se organizar para se libertar dessa exploração.

Nesse cenário, a categoria docente que defendeu a modernização, ora manteve-se ingênua diante das intenções dominantes, outrora foi conscientemente compactuante. De todo modo, quando ocupou o segundo posto, colocou-se contrária a própria condição, como fez Rosália Sandoval (SILVA, 2021a).

Já na abertura da edição da Revista de Ensino, escolhida para análise, se percebe o escrito de **Mercedes Dantas**, alusivo aos princípios da Escola Nova: “**A escola Activa**”. Nele a autora define a categoria: “A Escola Activa foi chamada a principio, em 1914, por Ferrière, Escola do Trabalho, que Pierre Bovet á frente de outros julgou má traducção do alemão: Arbeitsschule” (DANTAS, 1930, p. 4). Para ela,

[...] a Escola do Trabalho dava a impressão de um systema de educação baseada no trabalho manual exclusivo e a Escola Activa considera a criança um organismo activo e se basêa no principio nitidamente luminoso — o aproveitamento da sua actividade espontânea, producti (DANTAS, 1930, p. 4).

Embora a professora tenha feito uma diferenciação entre a “Escola Activa” e a “Escola do Trabalho” ambas as modalidades mantinham estrutura semelhante: preparar o presente para a reprodução do passado. Os filhos para o futuro que foi possível aos pais. Como recordava Marx (1996, p. 381): “A transformação da propriedade privada parcelada, baseada no trabalho próprio dos indivíduos, em propriedade capitalista é, naturalmente, um processo incomparavelmente mais longo, duro e difícil”. Ela exige um trabalho de minúcia. A elite soube utilizar, também, a escola como instrumento favorável à sua propagação. Criou a pobreza e buscou mantê-la, combatendo, rigorosamente, as consequências disso:

Os expulsos pela dissolução dos séquitos feudais e pela intermitente e violenta expropriação da base fundiária, esse proletariado livre como os pássaros não podia ser absorvido pela manufatura nascente com a mesma velocidade com que foi posto no mundo. Por outro lado, os que foram bruscamente arrancados de seu modo costumeiro de vida não conseguiam enquadrar-se de maneira igualmente súbita na disciplina da nova condição. Eles se converteram em massas de esmoleiros, assaltantes, vagabundos, em parte por predisposição e na maioria dos casos por força das circunstâncias. Daí ter surgido em toda a Europa ocidental, no final do século XV e durante todo o século XVI, uma legislação sanguinária contra a vagabundagem (MARX, 1996, p. 356).

Ao proferir o discurso que foi publicado na revista de Ensino de Alagoas, Mercedes Dantas (1930, p. 3) apresentava-se como representante nacional: “E aqui estou nesta hora, com a saudação fraternal da Federação Nacional das Sociedades de Educação”. Defendia a percepção da profissão docente como atividade missionária: “O estandarte da Humanidade nova ó a Escola Activa. Ella rasga desconhecidos horizontes ao educador. E' a grande justiceira da criança. Une e integra e correlaciona a Vida á Escola” (Idem). Discurso semelhante ao de Cecília Meireles na coluna *Commentarios*, do *Diario de Noticias* (SILVA; MACHADO, 2022a). A influencia que exercia no país é percebida por meio do texto de Bernardes Junior (1930, p. 27,

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) grifos meus): “Não tivemos a ventura de ver nem de ouvir dona Mercedes Dantas na sua farfalhante passagem por esta capital, como **valorosa embaixatriz da pedagogia moderna**”. Ao mesmo tempo, Alagoas não parecia estar atenta aos grandes eventos destinados à educação: “Ha cerca de quinze annos, só nos preoocupamos com cousas praticas que possam produzir algum resultado immediato para nós ou para a nossa terra” (Idem). Os anos seguintes não foram muito diferentes, em Maceió e no interior (SILVA, 2020). Ações de retorno imediato eram mais procuradas, diante da condição sócio econômica.

Na segunda metade do século, a profissão docente era mais um ofício procurado por quem não tinha outra opção. “[...] O atraso das remunerações, além de ser recorrente, estaria vinculado a diversas questões que afetavam diretamente a vida profissional, como transferências sem prévias consultas e redução de vencimentos” (CORDOVA e FLORIANO, 2020, p. 7). Basta recordar elementos já desvelados da vida de uma professora no interior de Alagoas (SILVA, 2021b). O decadente estado dos mestres, originou as greves e reivindicações da segunda metade do século XX (Idem). Cordova e Floriano (2020, p. 7), recordam que no Sul, “[...] em 1947, foi criada a primeira organização de professores(as) no Paraná”. Ora as movimentações surtiam efeito, outrora eram ignoradas pelo Estado (SILVA, 2021b).

No contexto de carente atenção aos direitos humanos, **Bernardes Junior** (1930, p. 27), criticava o trabalho diletante de Jorge de Lima: “Ao nosso ver, porém, de tudo quanto elle tem publicado ultimamente, salvam-se somente os seus eruditos artigos a respeito da pinha e a metade do sobre a mensagem do sr. Álvaro Paes. Dois simples casos de humanização”. Mesma percepção demonstrada por Maria Mariá e Graciliano Ramos (SILVA, 2021b). Ao mesmo tempo, a revista colocou no volume, dois textos literários sutilmente compactuantes com os princípios defendidos pelos escolanovistas: “**A Aranha**” de João Barreto de Menezes, e “**A Cigarra**”, de Luis Accioly. Ambos apologéticos a manutenção dos deveres nos espaços de origem, e estimulantes a dedicação feliz ao trabalho predestinado. Parecem complementar os conselhos dados nas escrituras informativas.

Desde que o professorado do interior delibere chumbar os seus alumnos á terra, despertando-lhes o amor pelas occupações ruraes, de modo que se forme, mesmo entre o proletariado, uma nobreza agraria em que cada um procure distinguir-se ' por uma maior actividade no manejo da enxada, cio arado, da charrua e no trato do boi, do cavallo, do carneiro, do porco, da galliuha etc, poderão apparecer melhores dotações orçamentarias destinadas á instrucção (JUNIOR, 1930, p. 31).

A História de Tiradentes era utilizada como inspiradora para as normalistas que, como ele, deveriam sacrificarem-se pelo que acreditavam: “Aprendeu o officio de dentista,

que exercia gratuitamente, para poder, de alguma forma, prestar serviços a seus semelhantes” (REVISTA..., 1930, p. 35). A república utilizou-se muito desse imaginário para defender suas ideias: “Era este o cabeça da revolução. Um verdadeiro heroe, homem simpies pobre, lutando atrozmente com a fortuna, encontrando sempre obstaculos na vida. Coração generoso a toda prova” (idem). O perfil de Tiradentes, como trabalhador, era o mesmo de jovens professoras atuantes na república. Assim como demais trabalhadores por elas formados para funções manuais: “Nas zonas ruraes, os mestres devem ter a maior preocupação em premunir os seus discípulos de noções sobre a cultura dos campos, desenvolvendo nelles um amor intenso pela terra, pelas plantas e pelos animaes” (JUNIOR, 1930, p. 30).

O exemplo evidencia que a proposta de utilizar as ciências sociais como instrumento de libertação, como Joaquim Pimenta (1930, p. 43) disse que faria a Nova Escola, não pareceu ser necessariamente efetivado: “Perde a sua feição estrictamente individualista, puramente decorativa» para se tornar um campo sóciológico fertilissimo, através do qual o indivíduo resalta como um reflexo da sociedade que o produziu e educou”. É possível que a conscientização sugerida tenha sido voltada a apresentação dos desejos da modernidade. “A historia arvorada em disciplina do espirito, investindose, pois, de funcção altamente educacional: não mais artigo de luxo para regalo exclusivo de eruditos ou cavaqueira de "causeurs" elegantes em serões de gente rica” (Idem). A História para as novas escolas, deveria ter a cara do povo. O desejo, em planejamento, pareceu coerente com a emancipação das massas, assim como muitos pontos do projeto formulado pelos liberais. Todavia, com o passar dos anos, o que houve, de fato, foi o esvaziamento da teoria, o que resultou no empobrecimento da formação, decorrendo no preparo técnico, sem muita atenção aos conhecimentos sociais necessários a vida pública e coletiva (SAVIANI, 2018).

O anteriormente governador do estado, Gabino Besouro, defendeu a ampliação de escolas campesinas, desde o início da República, antes mesmo da fundação da ABE:

Para montar nessa colônia um estabelecimento de ensino profissional destinado á educação de orphãos, sonho que se mallogrou, Gabino Besouro extinguiu o Lyceu de Artes e Officios e a Escola Central, de Maceió. Mostrava, assim, que já era partidario do lemma: RUMO AO CAMPO (BRANDÃO, 1930, p. 39).

Parecia procurar combater o analfabetismo, para manter um proletariado mais preparado para a indústria em ascensão. Pelos atos, foi elogiado na Revista de Ensino: “Achando-se o

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) operoso militar nas culminâncias do poder, atirou-se ao trabalho com o maior afinco, sendo o seu breve período governamental dos mais brilhantes havidos em Alagoas” (BRANDÃO, 1930, p. 38). Havia atenção as crianças órfãs, na época, porque elas eram muitas (SILVA, 2021a). Consequências das mortes causadas pelas crises pandêmicas (Idem). O texto de Moreno Brandão homenageava as ações do Marechal, no ano de sua morte: “Marechal Gabino Susano Besouro faleceu no dia 21 de janeiro de 1930, tendo vivido nos últimos tempos na prática do regimen vegetariano” (BRANDÃO, 1930, p. 41).

4. Contrapontos e inconsistências da democracia brasileira

O tema norteador da *IV Conferencia Nacional de Educação*, apresentada em impressos, regionais e nacionais, desde setembro de 1930, era a formação docente: “O seu objetivo principal é rever e suscitar problemas sobre o ensino normal, no interesse dos Estados em cujas capitais a A.B.E. tenha fundado associações congêneres” (DANTAS, 1930a, p. 85). O Diário de Notícias discorria sobre os assuntos a serem explorados:

Como verá v. ex., os assumptos a serem estudados nessa Conferencia são da maior importância e têm accentuada oportunidade, em face das novas directivas que o governo da Republica está procurando imprimir ás actividades brasileiras no terreno educacional. De facto, o programma essentado focaliza, como thema geral, ‘as grandes directrizes da educação popular’, e como theses especiaes a intervenção federal na diffusão do ensino technico profissional e normal e a elaboração das estatísticas escolares (QUARTA..., 12 jul. 1931, p. 7).

A preferência por homens para o exercício do magistério era anunciada no texto de Mercedes Dantas, seguida da informação de que a profissão não era atraente a estes: “Desde o decreto n 601 de 11 de novembro de 1912 que são previstas faltas de elemento masculino para o professorado primário e até hoje, essa disposição ainda não produziu os efeitos desejados” (DANTAS, 1930a, p. 87). Continuou por longa data sem produção de efeitos, pelo que parece indicar a construção de outro regulamento, três anos depois: “Visando atrair docentes masculinos, o regulamento de 1915 facilitava a nomeação, por concurso, de moças que pretendessem dedicar-se a essa profissão com as mesmas regalias dos professores de entrância” (COSTA, 1931, p. 41). Mesmo quando aderiam ao ofício, abandonavam com pouco tempo de exercício: “apareceram alguns, muito poucos e quase todos abandonaram, logo depois, o magistério” (Idem). Dantas (1930a, p. 87) parecia analisar o fenômeno, colocando como pouco preparados os profissionais desistentes: “Para facilitar e attrair a entrada desse elemento no magistério os regulamentos têm offerecido vantagens; porém, nem mesmo

assim, essas vantagens seduziram candidatos de merecimento, em numero suficiente e proporcional ás necessidades”.

É possível afirmar que o problema não estava exatamente nos profissionais, pelo que indica um relatório escrito por Craveiro Costa (1931, p. 41, grifos meus), o problema estava no modo como a docência passou a ser percebida a partir de um dado momento da história:

Apesar da nova orientação do curso normal e dos créditos e renome que o estabelecimento, em pouco tempo, adquiria, a profissão, por não oferecer vantagens convidativas, não seduzia o sexo masculino. Pôde-se afirmar que, há vinte anos, a Escola Normal de Alagoas não diploma rapazes. *Os vencimentos do professorado primário não oferecem meios estáveis de vida a um homem, que encontra facilidade no comercio e noutros ramos de atividade o duplo e o triplo da remuneração, logo no inicio da carreira.*

Assim, segundo o intelectual alagoano: “Ficou, por essa razão, adstritos as moças pobres o magistério primário” (COSTA, 1931, p. 41). Embora os textos de Mercedes Dantas coloquem nos ombros dos profissionais um peso que eles não deveriam carregar sozinhos, ela parecia perceber e expor, nas entrelinhas, os propósitos burgueses e a disparidade existente entre profissionais atuantes em mesma função:

Por maior que seja um corpo de professores, não são todos reveladores de grande capacidade. Em toda classe e em toda parte, observa-se a formação das elites. O menor numero dos inteligentes e capazes sempre dirigiu a maioria, feita mais para obedecer do que para mandar. Ainda quando parece vencer, e dirigir, o maior numero, está obedecendo á influencia subtil de algum animo superior que lhe dá a ilusão da victoria brutal (DANTAS, 1930a, p. 87).

A capacidade intelectual já era vista como responsável pela disparidade. A profissão perdia a valorização, ao tempo que a formação para o exercício desta, tornava-se técnica. Embora o manifesto acreditasse que o professorado deveria passar a fazer parte da elite, como bem ressalta: “[...] dessa elite deve fazer parte evidentemente o professorado de todos os graus (AZEVEDO, 2006b, p. 12). Não foi o que se viu acontecer. O tecnicismo afetava aos docentes, para que estes conseguissem afetar os que por eles passassem: “Por emquato, *apenas na Escola Normal serão ministrados ensinamentos agriculas*, para que os futuros educadores já tenham bases suficientes que sirvam no caso de uma organização mais racional do ensino primario” (O ENSINO..., 12 jul. 1931, grifos meus). O Diario de Noticias, discorria sobre os estudantes que frequentavam as escolas afastadas dos grandes centros: “[...] as pobres escolas das zonas distantes, - com os seus alunos doentes e em condições de vida tão summarias que a sua existência chega a parecer millagre, - certamente serão um obstáculo

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) total a essa mesma Reforma” (COMMENTARIO..., 1 mar. 1931, p. 6). A condição estrutural das famílias pobres, unida a ausência de organização adequada dos prédios escolares, tornava pouco exequível o trabalho docente, mas isso ainda era pouco pensado durante as primeiras décadas do século XX. As professoras, que já eram maioria no ofício, continuavam a ser incentivadas ao sacrifício do próprio bem estar, em função da evolução educacional (SILVA, 2021b).

Desse ponto de vista, a Reforma proposta pela ABE não haveria de ser executada sem a colaboração de “[...] um professor tão cheio de aptidões, de idealismo, de boa vontade e de conhecimento pratico que, sozinho, seja capaz de vencer tudo quanto se oppuzer á eficiencia da sua actuação” (COMMENTARIO..., 1 mar. 1931, p. 6). Pessoas atentas a missão que lhes foi confiada (ALMEIDA, 2011). O professorado, como pilar da organização democrática republicana, deveria fazer o que o Estado parecia não conseguir.

Embora se admita que os desejos iniciais do escolanovismo tenham sido revolucionários pela defesa a escola pública e a apresentação de uma metodologia pedagógica anti-repressiva, o não rompimento com as hierarquias estruturantes da sociedade fizeram-no servil a classe abastada. Típico projeto liberal (BOBBIO, 2000). Um Estado assistencialista, sem compromisso com a real justiça. Como bem recorda Nancy Fraser (2007), a justiça social é possível a partir da união entre redistribuição e reconhecimento. Em outras palavras, não basta reconhecer que existem diversas culturas e que estas apresentam características que precisam ser respeitadas, assim como não é suficiente apenas reestruturar a sociedade partindo apenas do olhar para as classes. É preciso desconstruir os dois elementos que originam o problema das desigualdades, que podem ser resumidos em uma única palavra: *hierarquia*.

5. Considerações Finais

Hierarquia mantida pela *hipocrisia*. É irônico perceber que ambos os termos possuem “H” como letra inicial. Consoante também presente na palavra “História”. Consoam, de fato. Três palavras inseparáveis sob o ângulo ocular brasileiro. Parecem confundirem-se, pelo que percebemos em dias comuns. As duas primeiras condições foram constitutivas da trajetória existencial das relações humanas: mulheres e homens, ricos e pobres, pessoas particulares e universais. Perdidas entre as consequências deixadas por três substantivos femininos que,

gramaticalmente, classificam-se como *simples*. Simples sem simplificações ou simplicidades. Típicos da norma.

Entre mulheres e homens situados em tempos e espaços múltiplos, esteve a intenção de interferir no futuro e presente de uma nação em declínio. Isso torna-se mais evidente quando os fatos já são passados. Pensar a trajetória de escritoras e escritores da Revista de Ensino alagoana, como vinculada a intencionalidade do liberalismo, torna os problemas educacionais do presente melhor compreendidos. Mostra como a democracia distancia-se da efetivação, quando as pessoas, em maioria, vivem acorrentadas à ausência de oportunidade de abandono de um estrutural destino carregado. O destino de miseráveis. Embora a intenção da ABE fosse pertinente as 2 do momento, não houve, em seu projeto, o compromisso com a libertação dos subalternos, de suas vidas de opressão.

Nesse texto, inspiro-me no personagem Dom Quixote (CERVANTES, 2018), ao dizer da realidade. Procuro atentar aos não ditos de um momento que se dizia modernizador. No tempo recortado, a imposição de ideias opressivas e marginalizantes, não se deu por meio do uso de força. Ao que parece, a elite substituiu canhões por flores. Agrediu sem mostrar agressividade. A lucidez entre subalternos tornou-se heresia ou loucura. Deveria ser sutilmente repudiada pela nova escola. Apresento fragmentos da hipocrisia presente no liberalismo, que expõe algumas de suas características por meio do escolanovismo. Finalizo demonstrando vestígios da minha permanente loucura. A loucura de discorrer sobre o óbvio.

Referências

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

AMARAL, Rosemeire dos Santos. **Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do Norte/Brasil (1930)**. 2019. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12529/2/ROSEMEIRE_SANTOS_AMARAL.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2022.

AZEVEDO, Fernando de. et. al. Manifesto dos Educadores: Mais uma Vez Convocados (Janeiro de 1959). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. esp., p. 205–220, 2006a. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4922/doc2_22e.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2022.

AZEVEDO, Fernando de. et. al. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Brasil, 1932. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. esp., p.188–204, 2006b. Disponível em:

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/manifesto_1932.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2022.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRANDÃO, Moreno. Gabino Besouro. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930, pp. 37-41.

CERTEAU, M. A operação historiográfica. In: CERTEAU, M. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017. p. 45-111.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. 1 ed. São Paulo: Pé da letra, 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 2002.

CORDOVA, Maria Julieta Weber; FLORIANO, Jaine dos Santos. Representações de professores(as) no jornal Diário dos Campos (1932-1950): condições de trabalho e remuneração. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-18, 21 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15467>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

COMMENTARIO: o ensino na zona rural. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 1 mar. 1931.

COSTA, Craveiro. **Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas**. Maceió: Imprensa Oficial, 1931.

COUTINHO, Alvares. A revolução pelo Brasil novo. **Correio de Brasilia**, Brasilia, 16 nov. 1930.

DANTAS, Mercedes. A escola activa. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930, pp. 3-12.

DANTAS, Mercedes. Noticiario. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930a, pp. 84-92.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução a Filosofia da Educação**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? Tradução de Ana Carolina Freitas Lima Ogando e Mariana Prandini Fraga Assis. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/JwvFBqdKJnvndHhSH6C5ngr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 1. ed. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HSIN-PAO, Yang. A educação de adultos nas comunidades rurais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Janeiro-abril, 1950.

JUNIOR, Bernardes. As idéias novas da instrução. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930, pp. 27-32.

LOPES, Eliane Marta de Teixeira. **Da Sagrada Missão Pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LOUREIRO, Joaquim Ignacio. A inspiração da Escola Activa entre nós. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930, pp. 24-24.

MANIFESTAÇÃO do funcionalismo municipal ao presidente da Republica: O sr. Getulio Vargas falou agradecendo. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 1 mar. 1940.

MARX, Karl. **O Capital**: critica da economia política. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.

MEIRELES, Cecília. A propósito da escola pública. Diarrio de Noticias, Rio de Janeiro, 28 maio. 1932. In.: _____. **Crônicas de Educação**, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. pp. 227-229.

NA REVISTA do Ensino, A escola e o progresso, é comentado o desempenho da professora mineira, 1933, p. 91. In: LOPES, Eliane Marta de Teixeira. **Da sagrada missão pedagógica**. 2. Ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 91.

O ENSINO agricula na Escola Normal: as novas diretrizes da politica educativa de S. Paulo. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 12 jul. 1931.

PIMENTA, Joaquim. Educar pela Historia. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930, pp. 42-44.

POPULAÇÕES marginais e educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Janeiro-abril, 1950.

A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932) QUARTA Conferencia Nacional de Educação: um aviso do ministro da Educação e Saúde Pública. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 jul. 1931.

REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930.

ROCHA, Ezechias da. Cassiano de Albuquerque. In.: REVISTA de Ensino: Orgão Oficial do Departamento geral da Instrução Pública e da sociedade alagoana de educação. n. 20. **Imprensa Oficial**, Maceió, 1930, pp. 13-24.

SANDOVAL, R. **Através da infância**. Recife: Imprensa industrial I. Nery da Fonseca, 1918.

SANDOVAL, R. **Curso elementar de Portuguez**: em pequenos exercicios praticos. Viçosa: Typographia Economica, 1921.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Carta ao sr. Diretor da Educação. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 28 abr. 1963.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 43. ed. São Paulo: Autores Associados, 2018.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da; MACHADO, Charliton José dos Santos. A intelligentsia feminina na Escola Nova: uma leitura sem margens das crônicas de Cecília Meireles (1930-1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e022006, 2022a. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8659963. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8659963>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Configurações da docência feminina em escritos pedagógicos da educadora Rosália Sandoval (1918-1921)**. 2021. Monografia (Graduação em Educação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021a.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. The foundation of public libraries in alagoas: claims and complaints of educadora maria mariá (1953-1954). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e378997186, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7186>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021b, 289p. ISBN: 978-65-86445-71-8.

Nota

ⁱ Os temas são apresentados na segunda capa da revista, por esse motivo não evidencio a página na citação.

Sobre a autora

Hebelyanne Pimentel da Silva

Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pesquisadora vinculada ao grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR/PB e ao grupo HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES E DOS INTELLECTUAIS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (PUC/SP). No mais, colabora com o LABORATÓRIO DE PESQUISAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA (LAPPEHis), e encontra-se associada à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atua, sobretudo, nos temas: Formação de Professores, Intelectualidade, Trajetórias de docentes, literatura, gênero e (Auto)Biografias. E-mail: hebelyannepimentel@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8691-939X>

Recebido em: 02/03/2022

Aceito para publicação em: 20/03/2022